

Franco defende a troca de "bradies" por novos títulos para reduzir dívida

Diretor do BC quer aval do Senado para que o governo possa negociar com esses papéis

por William Salazar
de São Paulo

O diretor de Assuntos Internacionais do Banco Central, Gustavo Franco, e o ex-ministro da Fazenda, Marcílio Marques Moreira, defenderam ontem a necessidade de um aval do Senado para o BC ter liberdade para comprar, vender e trocar os atuais títulos da dívida externa por papéis novos que contemplem condições de pagamento mais vantajosas para o País, seja por redução dos juros seja com juros um pouco mais altos, porém com um alongamento do prazo de pagamento.

"Eu ganho dinheiro com ativos da República maximizando o lucro, com as reservas internacionais, e minimizando o passivo da República", disse Franco, em entrevista coletiva no seminário Futuro da Política Cambial, promovido

pela Agência Dinheiro Vivo, ontem, em São Paulo. Explicou, bem na base "conceitual" com que pretende abordar o Senado, na semana que vem, que a idéia é trocar os chamados "bradies", os papéis da última renegociação da dívida externa, que têm um cupom muito baixo e, por isso, são negociados no mercado secundário com deságio, por novos títulos que tenham, eventualmente, um cupom maior, mas com um prazo maior.

"Digamos que você tem 200 com 4% de juros, o que equivale a 100 com 8% de juros", exemplificou, acrescentando, ao ser indagado por um repórter se isso não era



Gustavo Franco

o mesmo que trocar seis por meia dúzia. "É, mas o investidor externo prefere trocar o seis por meia dúzia, porque preferem um papel sem desconto, mesmo com prazo maior e juros menores."

O diretor do BC recusou-se terminantemente a dar exemplos mais concretos, do que remeter à negociação de troca de dívida "Brady" por uma nova dívida. Não só por uma questão de evitar alertar os banqueiros e "dealers" internacionais sobre o que e como o Brasil vai fazer. Mas porque sua ação dependerá da vontade do Senado.

Gustavo Franco recusou-se tam-

bém a fazer qualquer cálculo sobre quanto o País poderia economizar com essa troca. Mas o ex-ministro Marcílio - hoje consultor do banco de investimentos Merrill Lynch - sustentou que esse "swap", ou nova securitização da dívida externa, poderia reduzir a taxa de risco para o Brasil em até 70%. Lembrou que os títulos brasileiros hoje pagam até 10 pontos percentuais sobre os juros dos títulos equivalentes do Tesouro americano. Com a troca, tal percentual poderia ser reduzido para até três pontos percentuais.

Também lembrou, assim como Gustavo Franco, que ao fazer a troca o País poderia vender os títulos do Tesouro americano que comprou para dar como garantia dos "bradies" emitidos originalmente. E assim teria mais dinheiro em caixa.